

## **DOR CRÔNICA**

*Estudos mostram que 30% da população mundial sofre algum tipo de dor*

Segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), a dor crônica afeta 30% da população do mundo. Somente nos Estados Unidos, esse problema acarreta um prejuízo anual de 550 milhões de dias de trabalho perdidos. O número alarmante fez com que as autoridades de saúde daquele país considerassem esta como sendo a década da dor.

Ainda nos Estados Unidos são investidos US\$ 150 bilhões/ano com tratamentos para curar a dor crônica. Os valores alarmantes são resultado das horas de trabalho perdidas e do custo dos medicamentos utilizados párea o tratamento, bem como do despreparo dos pacientes, que não sabem definir os sintomas que sentem.

“Sabe-se até o momento que a dor crônica é causada por múltiplos fatores e que seus sintomas afetam a qualidade de vida das pessoas, prejudicando suas atividades diárias e impedindo-a de executar as tarefas mais simples”, explica Carlos Maurício de Castro Costa, presidente da Sociedade Brasileira para o Estudo da Dor (SBED). A dor crônica também altera o humor, o apetite e o sono do paciente, provoca queda no sistema imunológico, levando ao estresse físico e psicológico. No Brasil também há pouca informação a respeito desse problema, o que prejudica sua identificação e embora não existam pesquisas amplas sobre o tema, sabe-se que a dor crônica acomete milhões de pessoas.

Por isso, a Sociedade Brasileira para o Estudo da Dor (SBED) desenvolve campanhas para divulgar o problema junto a médicos e pacientes. O objetivo é auxiliar o profissional de saúde com recursos técnicos sobre a dor crônica que possibilitem explicar ao paciente a doença e as diversas opções de tratamento.

Para alcançar esse objetivo, a Sociedade Brasileira para o Estudo da Dor encaminhou ao Ministério de Saúde o projeto de uma campanha nacional, conhecida como Brasil sem Dor, para o esclarecimento de todos. “O objetivo é que o tema dor crônica comece a ser discutido nas escolas de medicina, com a modificação do currículo, e se estenda em cursos e programas desenvolvidos nas comunidades para ajudar o médico a identificar a doença e a tratá-la”, diz o presidente da SBED. “Com isso, faremos também com que o paciente se familiarize com a dor crônica e possa falar mais abertamente sobre o que sente”, explica.